

ADEUS AO FEMINISMO? FEMINISMO E (PÓS)MODERNIDADE NO BRASIL

MARGARETH RAGO

Ninguém duvida que as mulheres estejam, hoje, em quase todas as profissões, que ocupem dinamicamente os múltiplos espaços da vida social e que circulem pelas ruas da cidade com toda desenvoltura, determinando decididamente os rumos de suas próprias vidas. Mesmo que discordemos da afirmação de que já tenham conseguido muito do que reivindicaram, não há como negar seu crescimento e autonomização. "As mulheres brilham!", repetem as manchetes dos jornais, ou se comenta entre amigos. Ao mesmo tempo, parece que se ouve falar cada vez menos do feminismo e muitos, sobretudo no senso comum, estão convencidos de seu desaparecimento.

Como explicar que à entrada maciça das mulheres na esfera pública, sobretudo nos últimos 30 anos, que à decorrente feminização da cultura, que à profunda transformação nas relações de gênero, não corresponda uma crescente valorização do feminismo, tanto quanto uma incisiva adesão a ele, seja se o consideramos enquanto um conjunto de idéias que reivindicam os direitos da mulher, seja se nos referimos às práticas e lutas que eclodiram e vêm eclodindo na sociedade? Como explicar que as feministas continuem sendo associadas a um estereótipo que vem de longa data, e não apenas dos anos 1970, definindo-as como "machas, feias e mal-amadas"?

De Oswald de Andrade, no começo do século, ridicularizando as sufragetes como figuras que o assustavam e espantavam profundamente, aos "rapazes" do Pasquim, nos anos setenta, investindo com unhas e dentes contra a estética de Betty Friedan, as feministas foram percebidas como mulheres feias, infelizes e sexualmente rejeitadas pelos homens e, convenhamos, não é muito raro ouvirmos outras mulheres reafirmando estes estigmas.

A associação da figura da feminista com o lesbianismo, a histeria, o "furor uterino", a incapacidade de ser amada por um homem, o tipo

físico característico, enfim, com todas as misóginas concepções vitorianas sobre a sexualidade feminina marca profundamente a referência através da qual se lida com o fenômeno. É de se perguntar, aliás, por que nem mesmo as mulheres, nós mulheres, reconhecemos o muito do que hoje conquistamos, as enormes possibilidades abertas especialmente nas últimas três décadas como um resultado das pressões e lutas colocadas pelo feminismo?

É claro que se nem todas as mudanças positivas e negativas devem ser atribuídas a ele, por outro lado, também não se pode simplesmente ignorar um movimento social, político e intelectual que teve um profundo impacto na sociedade brasileira e no mundo, de modo geral. Ao lado de outros movimentos sociais dos anos sessenta e setenta, como o movimento negro, especialmente o norte-americano, o feminismo adquire uma enorme importância ao questionar a organização sexual, social, política, econômica e cultural de um mundo profundamente hierárquico, autoritário, masculino, branco e excludente.

Este artigo aponta para algumas questões referentes ao quadro que acabamos de esboçar, tendo em vista sugerir algumas reflexões, para além dos espaços especificamente feministas: 1. Como lidamos com a história do feminismo no Brasil? 2. Qual foi o impacto do feminismo na construção da modernidade no país, desde as décadas iniciais do século 20? 3. Como o feminismo participa hoje do debate intelectual e político particularmente marcado pela desconstrução pós-moderna? Que rumos e perspectivas aponta?

1. ESQUECER OU LEMBRAR?: HISTORICIZANDO O FEMINISMO

É sempre difícil falar sobre o *métier* do/a historiador/a, principalmente numa época em que pairam sérias dúvidas sobre a existência e a importância de se conhecer o passado. Lembro-me de um autor norte-americano, Alan Lightman, que, numa obra de ficção intitulada *Sonhos de Einstein*, apresenta duas cidades imaginárias onde se vivencia

de maneira muito diferenciada a relação com o tempo¹. Na primeira, as pessoas, vestidas com trajes cinzentos e escuros, estão de tal modo presas ao passado, que caminham vagarosa e silenciosamente, evitando fazer o menor barulho possível. "*Elas temem que qualquer mudança que façam no passado possa ter consequências drásticas para o futuro*", explica o autor. Presas no tempo passado, encontram-se sozinhas e temem enfrentar o presente.

Já na segunda, a cidade do presente, os habitantes se esquecem e vivem muito bem. Alguns carregam o Livro da Vida para poderem orientar-se geograficamente, lembrando onde moram, onde fica a farmácia, a casa, o trabalho ou o parque. Especialmente feliz é o casal que, embora compartilhando uma vida comum há mais de quinze anos, revive a cada dia o primeiro beijo, sem rancores e frustrações. O brilho do olhar do primeiro encontro não se esmaeceu e os impulsos da forte atração não foram vencidos pelo cotidiano morno.

O tema certamente vai longe e nos traz imediatamente um trecho bastante conhecido:

*"Os homens fazem a história, mas não a fazem como querem.
(...) A tradição de todas as gerações mortas oprime como um
pesadelo o cérebro dos vivos."*²

Também aqui encontramos a representação do passado como um fardo, como um conjunto de objetos, coisas, roupas, idéias pesadas das quais precisamos nos libertar. O passado é visto como uma prisão, da qual precisamos nos libertar para podermos enxergar o novo e construir um mundo mais digno. Mas para nos libertarmos, não é suficiente esquecer, aliás, não se esquece facilmente, mas se pode fazer um "acerto de contas" e colocar as coisas em seu devido lugar. Aliás, é o próprio Marx quem nos ensina:

¹ LIGHTMAN, Alan. *Sonhos de Einstein*. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

² MARX, Karl. "O 18 Brumário de Luís Bonaparte", in *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, XXXV, 1974, p. 335.

*"A história é concenciosa e passa por muitas fases antes de levar ao túmulo uma forma antiga. A última fase de uma forma histórica mundial é sua comédia. Os deuses da Grécia, já tragicamente feridos de morte no Prometeu acorrentado de Ésquilo, tiveram que morrer novamente de forma cômica nos Diálogos de Luciano. Por que essa marcha da história? Para que a humanidade possa alegremente separar-se de seu passado."*³

Ter um passado e uma história é uma necessidade dos vivos e, como diria Pierre Nora, traduz o profundo mal-estar do homem contemporâneo diante dos fenômenos de desenraizamento, de desterritorialização, de perda das referências tradicionais que organizavam sua vida. Nesse contexto, o passado é necessário para garantir a construção de nossa identidade, fundando nossas tradições, enraizando-as no tempo e no espaço, definindo nossas raízes. Uma referência histórica, uma garantia psicológica e um porto seguro emocional, a partir da construção de uma linha de continuidade, que nos localizaria no tempo.

Mas, para outro filósofo, ter um passado é também uma necessidade dos mortos. Diz Walter Benjamin, na sexta tese "Sobre o Conceito de História":

*"O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer."*⁴

Como se não pudéssemos nos despedir deste mundo, deste momento histórico que parece encerrar-se, sem que todos os pontos fossem revistos, repensados e reavaliados. Uma grande crítica do discurso

³ MARX, Karl. "Crítica da filosofia do direito de Hegel - Introdução", in *Revista Temas de Ciências Humanas*. São Paulo, Grijalbo, 1977, n. 2, p. 5.

⁴ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 224.

que nos foi transmitido, dos valores que nos foram ensinados, da cultura que nos foi passada, preservada ou esquecida. O passado pressiona para ser visto e revisto, exige novas explicações e nos impõe visitar os arquivos e passar a História a limpo. Como se, num misto de decepção e indignação, precisássemos desfazer os fios da memória e mostrar como e por que foram arbitrariamente trançados.

E o feminismo? Por que a história e a memória do feminismo? Certamente, o feminismo coloca o dedo nesta ferida, mostrando que as mulheres foram e ainda têm sido esquecidas não só em suas reivindicações, em suas lutas, em seus direitos, mas em suas ações. Suprimidas da História, foram alocadas na figura da passividade, do silêncio, da sombra na esfera desvalorizada do privado. O feminismo aponta para a crítica da grande narrativa da História, mostrando as malhas de poder que sustentam as redes discursivas universalizantes. O feminismo denuncia e critica. Logo, deve ser pensado e lembrado.

No entanto, estas afirmações não são suficientes. É sempre um problema saber de que passado se fala, que passado deve ser lembrado e qual pode/deve ser esquecido? É claro que se as mulheres foram um dos grandes setores excluídos da História, sabemos que não se trata apenas de recuperá-las em todos os grandes feitos, inscrevendo-as disciplinadamente nos espaços deixados em branco na Grande Narrativa Histórica, masculina e branca. As informações, os nomes e os fatos contidos nos documentos históricos são certamente fundamentais. Sem eles, não se tem História. Contudo, também sabemos que não é suficiente refazer todo o percurso já feito, desta vez no feminino. Quais teriam sido as mulheres importantes nas Capitânicas Hereditárias? Quais "seguraram" as bandeiras? Quem seria a equivalente a Tiradentes? Quais as "estadistas do Império" dos bastidores?

Embora tenha muita vontade de ter respostas a estas perguntas, entendo que a questão vai mais fundo e que, depois de um primeiro momento de recuperação da presença das mulheres no espaço da produção e no cotidiano da vida social, especialmente das mais pobres e marginalizadas, passamos a nos perguntar pelas mulheres de outras classes

e grupos sociais e étnicos⁵. Da trabalhadora pobre, operária, imigrante e militante, ampliamos o conceito para todas elas: dos estudos da "mulher" fomos à história "das mulheres". Depois das operárias, abrimos as portas às escravas, às loucas, às prostitutas, às empregadas domésticas, às cantoras, assim como às burguesas, às aristocratas do café, às grandes proprietárias de terra, às escritoras, às cientistas e às elegantes e consumistas da classe média.

Insatisfeitas, e por influência mesma do feminismo, fomos mais longe ainda: perguntamos pelo que os homens cultos haviam falado sobre nós. Como nos construíram? O que disseram de nosso corpo, de nossa sexualidade e sobre nossas ancestrais? Como nos representaram, ou melhor, como nos inventaram na literatura, nas artes e nos discursos científicos? Os resultados foram muito diversificados, mas convergentes enquanto denúncia da dominação sexista, ideológica e cultural. Sobretudo, o feitiço virou contra o feiticeiro. A desconstrução do discurso médico sobre a sexualidade, por exemplo, fez com que os médicos aparecessem como "voyeuristas", no momento mesmo em que denominavam as prostitutas como "degeneradas natas", de quadris largos e testas curtas⁶. Os viajantes, observadores e intelectuais apareceram como figuras excessivamente misóginas, imersos em suas problemáticas fantasias sexuais, ao imaginarem o corpo e a languidez das índias nuas na Terra de Santa Cruz, ou ao reforçarem a sensualidade das escravas negras na grande propriedades de terra⁷. Denunciou-se, portanto, o conservadorismo e a misoginia do pensamento científico do século 19 e meados do 20, ao construir uma determinada referência de feminilidade e um ideal de identidade feminina.

⁵ Veja-se RAGO, Margareth. "As mulheres na historiografia brasileira", in SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Cultura histórica em debate*. São Paulo. Ed. UNESP, 1995.

⁶ Veja-se ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores; A prostituição na cidade do Rio de Janeiro no século 19*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

⁷ Veja-se PARKER, Richard. *Bodies, pleasures and passions; Sexual culture in contemporary Brazil*. Boston, Bacon Press, 1991.

O feminismo teve, portanto, um profundo impacto na academia e na produção científica, abrindo campo para se estudarem as mulheres, o universo feminino, a cultura feminina, as relações entre os sexos/gêneros. E, ao mesmo tempo, foi ele mesmo lembrado e colocado como tema, como objeto histórico: suas origens, seus movimentos, suas líderes e mentoras, suas produções, seus temas e suas conquistas têm sido analisados pelas sociólogas e mais recentemente por algumas historiadoras⁸.

Em outras palavras, se o feminismo foi responsável por dar uma grande visibilidade às mulheres em todos os espaços da vida social, política e cultural, nas cidades e no campo, e inclusive no âmbito acadêmico, levando-nos a buscar sua presença nos inúmeros momentos da História, foi menos pensado historicamente em suas próprias práticas e construções, sobretudo se se considera um passado mais distante. Nessa medida, manteve-se intacta uma construção misógina e estereotipada que o definiu como um movimento de mulheres tristes e infelizes, frustradas em sua incapacidade de conquistar o "sexo forte".

É claro, por outro lado, que para rebater esta construção simplificada e perversa, alguns estudos históricos e sociológicos sobre o feminismo tendem a ser heróicos, super-valorizando as iniciativas feministas de nossas pioneiras e líderes, mas ao mesmo tempo descontextualizando-as nos quadros de reflexão e atuação da época.

Por outro lado, o feminismo contemporâneo vem apontando radicalmente para a necessidade da produção de um discurso histórico

⁸ São relativamente poucos os estudos de História do Feminismo. Dentre estes, destacam-se ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo; A luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1980; HAHNER, June. *Emancipating the female sex; The struggle for women's rights in Brazil, 1850-1940*. Duke University Press, 1990; GOLDBERG, Anette. *Feminismo e autoritarismo; A metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1986; MORAES, Maria Lygia Quartim. *Família e feminismo; Reflexões sobre papéis femininos na imprensa para mulheres*. Tese de Doutorado, USP, 1981.

diferenciado, capaz de criar novos conceitos e chamar a atenção para campos de problematização e para fontes documentais até então ignorados ou subestimados. Propõe, então, uma leitura "feminista" da História, com todas as profundas controvérsias suscitadas, explicitadas ou não.

Certamente, não podemos ver a crítica cultural em curso apenas como um resultado das pressões feministas, porém, não há como negar o impacto do feminismo também no campo da linguagem e do pensamento. E se é importante perceber a presença feminina nos acontecimentos históricos do tipo das greves e lutas sociais, também o é *na própria produção discursiva, literária e científica, instituinte do imaginário social*⁹. Vale lembrar que, se nas últimas décadas deste século este impacto ganha toda a visibilidade, o feminismo emergiu como problema desde o final do século passado, envolvendo vários conhecidos autores preocupados com as transformações sexuais e culturais que ocorriam na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil.

Aqui, penso que valeria observarmos como se travava o debate sobre a "questão feminina" nos inícios do século, privilegiando a maneira pela qual as próprias feministas interferiram *na construção da identidade feminina moderna*, capaz de participar de uma esfera pública que também se definia, com o crescimento econômico e a modernização das cidades, com a industrialização e a imigração europeia, e fundamentalmente com a fundação da República e da noção de cidadania. Tentando reduzir o espaço de interferência das oligarquias dominantes que relutavam em aceitar o poder do Estado, a não ser como poder pessoal, tentava-se construir com muita dificuldade a noção da esfera pública moderna¹⁰.

⁹ Veja-se a respeito SCOTT, Joan. "La travailleuse", in *Histoire des femmes en Occident*, vol. 4. Paris, Gallimard, 1992. *Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press, 1988; CHARTIER, Roger. "Différences entre les sexes et domination symbolique", in *Annales Esc.* Juillet-août 1993.

¹⁰ Veja-se RAGO, Margareth. "Políticas da (in)diferença: individualismo e esfera pública na sociedade contemporânea", in *Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política*, vol. II, n. 2. Rio de Janeiro, UFF, 1993.

2. O IMPACTO DO FEMINISMO NA CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE NAS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO

2.1. A CRÍTICA AO PASSADO E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO

"O momento parece ser de reconstrução social, e uma das primeiras cogitações a se preocupar os heróis do porvir é a elevação da mulher.

Não é só aqui, onde aventa esta idéia. Em muitos países europeus, e nas capitais do Brasil, há concerto, há poderosa uniformidade de vistas no intuito de comunicar à mulher a força moral que lhe é mister, para ela bem desempenhar a missão que lhe foi marcada"¹¹.

Na passagem do século, a preocupação em definir a condição e o lugar da mulher, tal como aparece nas palavras de Georgina Santiago, marcou o debate tanto das feministas e escritoras empenhadas na luta pelos direitos femininos, quanto dos médicos e homens cultos das elites dominantes preocupados em ordenar a vida social. Mulheres das camadas médias e da aristocracia cafeeira, como a fundadora d'A Mensageira, "revista literária dedicada à mulher brasileira", ou a conhecida escritora campineira Júlia Lopes de Almeida, de um lado, ou operárias anarquistas, de outro, colocaram em questão o lugar tradicionalmente designado à mulher, reivindicando o direito à educação, ao trabalho e à participação no mundo público em igualdade de condições com os homens.

Extremamente críticas do passado, as feministas liberais observavam que, mesmo com o crescimento urbano, a modernização da vida social e a transformação da vida sedentária da grande propriedade rural, as mulheres não passavam a dar mais valor à educação. A grande maioria desconhecia suas potencialidades e era formada de modo a valorizar apenas aspectos supérfluos e exteriores de sua personalidade, como a aparência física, o gosto do luxo e das "frivolidades" e a capacidade de sedução. Na verdade, criticavam o fato de que a sinhá-moça do passado

¹¹ SANTIAGO, Georgina. *A mensageira*, vol. I. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP, 30.11.1897, p. 61.

fora substituída pela mulher fútil, envolvida com o mundo do consumo e das mercadorias, a exemplo da "melindrosa".

"A campo todos os meios de sedução, toda a aparência agradável, todo o atrativo material; tudo superficial e ilusório; nada de sério e profundo!"¹²

O reerguimento moral e intelectual das mulheres em geral dependeria, portanto, de um trabalho educativo modernizador, capaz de fazê-la compreender seu novo papel na sociedade, o potencial emancipador de que dispunha e os instrumentos necessários para sua luta. Nesse sentido, tanto quanto as anarquistas, procuravam conscientizar as mulheres e apontar os rumos de superação das desigualdades sexuais.

"A injustiça começa no berço: para o menino, mestres, colégios, ginástica; para a menina, ignorância, o atrofiamento da energia, a imobilidade forçada pela vida sedentária. Depois, chegados à puberdade, ele, o rapaz escolhe esta ou aquela carreira a seguir, prefere este ou aquele modo de vida; a rapariga, ela, nada tem a resolver: o círculo de ferro, a cadeia fatal aí está..."¹³

Fundamentalmente, as feministas liberais colocavam em discussão o lugar tradicionalmente destinado às mulheres e especificamente às da elite, como elas próprias, acreditando que as pobres estariam necessariamente predestinadas à ignorância pela própria condição econômica desfavorável. Vale notar que nenhuma referência era feita, nesta imprensa feminista, às lutas operárias que se travavam no centro da cidade ou nos bairros periféricos, como o Brás e o Bom Retiro, em São Paulo, onde levas de imigrantes europeus vinham alterando radicalmente a composição social e as práticas políticas e culturais do cotidiano da cidade.

¹² *A mensageira*, vol. I, p. 290. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP, s.d.

¹³ *Idem*, p. 150.

Ao contrário, a presença das costureiras e trabalhadoras das fábricas têxteis, como Tibi, Matilde Magrassi, Isabel Cerruti, que começavam a organizar os grupos de cultura e discussão política, influenciadas pelo anarco-sindicalismo, não levava a que as feministas procurassem criar um amplo movimento de contestação da condição opressiva das trabalhadoras pobres. Raríssimas vezes, a imprensa feminista dedica algum artigo ou se refere àquelas que viviam do outro lado da cidade. Aliás, as pesquisas realizadas com as escritoras do período revelam que apenas Pagu dedicou uma atenção especial às operárias e costureiras em seu romance Parque Industrial, de 1929.

Enfim, definindo a mulher como símbolo da regeneração moral, como lugar do Bem e do futuro promissor, as feministas liberais trabalhavam num alto nível de generalização, fazendo das mulheres da elite e das camadas médias, que podiam ter acesso à cultura e à política, as responsáveis exclusivas pelo reerguimento moral da sociedade.

As pesquisas sugerem, pois, que elas desconheciam não apenas a imprensa anarquista, como os jornais O Amigo do Povo, A Terra Livre, A Lanterna, A Plebe, publicados em São Paulo e no Rio de Janeiro, como ignoravam que neles muitos artigos eram escritos por mulheres e dedicados à questão feminina, a exemplo de "Proletárias, instrui-vos", de Matilde Magrassi, publicado em 17.01.1904. Neste texto, a anarco-feminista incitava as trabalhadoras a exigir a redução do horário de trabalho para que pudessem instruir-se e, deste modo, lutar contra a desumana exploração dos patrões. Negando o recurso à Igreja ou ao Estado, ela via na educação o principal meio de resistência e de luta.

"Instruindo-vos, podereis instruir os vossos filhos e impedir que sejam depois vítimas como vós do injusto sistema social em que vivemos. Compreendereis que a pátria é uma ilusão; que vossos filhos nenhum dever têm a cumprir para com ela: (...)"

Ao contrário das feministas liberais, as libertárias negavam-se a apoiar qualquer alternativa de negociação com as instituições burguesas. Aliás, o debate sobre a educação servia-lhes para denunciar as péssimas

condições de trabalho, a ausência de assistência pública, os baixos salários, e para indicar às trabalhadoras a importância de se unirem e fundarem sociedades de resistência e sindicatos.

Contudo, em muitos pontos, liberais e anarquistas utilizavam os mesmos argumentos, sobretudo aqueles que elevavam a mulher enquanto símbolo da regeneração moral e enquanto portadora de um futuro humano mais igualitário. Valorizando o ideal da "mãe civilizadora", procuravam dignificar e politizar a maternidade, considerando que o que estava em jogo era a formação do cidadão da pátria, para as primeiras, e do "novo homem" da sociedade libertária, para as segundas. Daí a importância da educação para umas e para outras.

Este tema será retomado nas décadas seguintes com maior intensidade, à medida mesmo em que as transformações sociais e os acontecimentos políticos, como a primeira guerra mundial, forçaram a entrada cada maior das mulheres no mundo público. Além disso, liberais ou feministas, escritoras ou ativistas, elas cada vez mais reforçarão um discurso pacifista, questionando também por este prisma a construção masculina da modernidade.

2.2. O FEMINISMO E A CONSTRUÇÃO DA ESFERA PÚBLICA MODERNA

Especialmente difundida foi a Revista Feminina, fundada em São Paulo, por Virgínia Duarte da Costa, que circula com bastante sucesso, entre 1914 e 1936, por todos os estados brasileiros, recebendo através de cartas das leitoras elogios e vários comentários sobre os assuntos debatidos.

Politicamente mais avançada do que A Mensageira, colocava-se como necessária para preparar, organizar e conscientizar a "Brasileira moderna". Feminista, rejeitava o feminismo "revolucionário e anárquico", que pretendia, segundo ela, subverter o equilíbrio das nações e masculinizar a mulher. Lutando veementemente pelo direito do voto e o direito à educação, acreditava que a mulher deveria continuar sendo "a dona afetiva de seu lar", reclamando que tivesse o direito de pensar e

concorrer mais diretamente para o aperfeiçoamento moral da sociedade¹⁴.

Contemporizadora nas reivindicações feministas, a RF não deixava de ter momentos de agressividade quando atacava os homens por terem criado tantos mitos negativos em relação à inferioridade da mulher e por bloquearem propositadamente seu caminho de emancipação. Num artigo em que homenageavam a sra. Maria José Rebello Mendes, primeira classificada no concurso para terceiro oficial do Ministério do Exterior, as feministas afirmavam que em todos os campos por onde a mulher havia enveredado, campos que eram monopolizados pelos homens, elas demonstravam

*"a sua perfeita capacidade, e provando que sua pretendida inferioridade é um mito criado pelo egoísmo masculino, para afastar uma concorrente, que produz melhor, mais ponderado, e mais barato... concorrente que lhe convém conservar num estado primitivo e escravizado."*¹⁵

Criticando a violência masculina contra a mulher no mundo do trabalho e na esfera doméstica, a RF procurava documentar as conquistas feministas alcançadas no exterior, especialmente a do direito de voto e evidenciar o atraso em que as mulheres viviam no Brasil. Os artigos publicados na Revista revelam, portanto, que desejavam participar da construção da sociedade moderna no país, redefinindo o ideal de feminilidade e, por conseguinte, de masculinidade, o modelo vigente de família, assim como interferindo na construção dos códigos de sociabilidade e na moral sexual.

A RF procurou acompanhar de perto as movimentações das feministas no país, em especial o trabalho de Bertha Lutz, presidente da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, no Rio de Janeiro, que muito admirava, assim como das outras poucas associações feministas

¹⁴ Veja-se LIMA, Sandra Lúcia Lopes. *Espelho da mulher: revista feminista (1919-1925)*. Tese de Doutorado em História, USP, 1991.

¹⁵ "O feminismo no Brasil", in *Revista Feminina*. Out. 1918.

existentes no país. Definia seu lugar nesta luta, assumindo-se como a porta-voz legítima e necessária para a organização e conscientização das mulheres:

"O único órgão apontada para esse fim é a Revista Feminina, que é lida em todo o país e, portanto, mais apta para vulgarizar as idéias."

A construção da nova mulher passava, neste imaginário, não apenas pela definição dos espaços públicos e sociais - as categorias profissionais, os cargos públicos, as universidades - onde a mulher deveria se fazer presente, para além do mundo doméstico. As feministas liberais consideravam-se responsáveis pela orientação das formas de conduta da mulher moderna, pela indicação do vestuário, pela organização dos gestos, do modo de se comportar, inclusive dentro do lar. Tentando criar a "mulher moderna", incluíam na revista inúmeros artigos que discutiam desde um novo conceito de feminilidade, até a maneira correta de se relacionar com estranhos ou de agradar o marido nas horas certas.

O PRIVADO ENQUANTO NINHO

Num momento em que se constituía a noção burguesa da intimidade, em que progressivamente o espaço privado passava a ser representado como ninho acolhedor em oposição ao mundo público moderno, destaca-se a importância atribuída às questões domésticas e familiares, nessa imprensa feminista. Através de inúmeros conselhos, as feministas procuravam orientar o comportamento da esposa em relação ao marido e aos filhos, a fim de tornar a casa um refúgio aconchegante e o matrimônio uma alternativa duradoura e segura, no mesmo momento em que propunham a entrada massiva da mulher no público.

No artigo "Como a esposa deve amar o marido", de junho de 1917, por exemplo, o casamento era definido como uma união fundada na mútua estima e na amizade dos esposos "para toda a vida", exatamente ao contrário do que propunham no mesmo momento os anarquistas. O

sentimento do amor deveria ser preterido à amizade gerada no convívio cotidiano:

"O verdadeiro amor é independente dos arroubos sentimentais dos enamorados. Inspira-os, passageiramente; porém, quando eles desaparecem, fica inalterado no coração. Todas as emoções dos sentimentos - alegrias ou dores - se vão desvanecendo pouco a pouco, com o tempo."

As escritoras da RF pareciam não ter dúvidas de que a felicidade do lar e a durabilidade do casamento dependiam estritamente da capacidade feminina. Por isso, prontificavam-se a dar inúmeras indicações das "pequenas coisas" através das quais se poderia "trabalhar para a felicidade conjugal". Nos artigos "Como a esposa consegue atrair o amor do marido", de dezembro de 1917, ou em "Como a esposa consegue dar felicidade ao marido", de outubro de 1917, afirmavam que ela deveria velar pela boa organização da casa, garantindo que todos os objetos estivessem em seus devidos lugares, sem contar demasiadamente com o auxílio dos criados. A "esposa perfeita" deveria preparar os pratos favoritos do marido, arranjar a mesa ao gosto dele, escolher a melhor cadeira e lugar para ele à mesa; criar as condições para que ele pudesse ler o jornal tranquilamente e, especialmente, não "perturbá-lo sem motivo". Se ele lhe falasse da leitura indicada, entretanto, a esposa deveria mostrar-se interessada, "porque em tudo quer ser agradável ao marido, e isso agrada-lhe sem dúvida".

Em suma, a "esposa perfeita" deveria anular-se radicalmente em presença do marido, ao contrário do que elas mesmas propunham no artigos que defendiam sua emancipação pelo trabalho e pela educação. Em "Qualidades Práticas da Esposa", de março de 1918, destacava-se o "ser galante e boa dona de casa" e enfaticamente se defendia que a qualidade mais indispensável à mulher era a "*garradice conjugal, isto é, ter o desejo de agradar ao marido*", em primeiro lugar. O "decálogo da Esposa", publicado em dezembro de 1924, propunha que a mulher amasse o esposo como a um deus, "*acima de tudo*", tratasse-o com carinho, que

não lhe pedisse nada de supérfluo para o lar e que, apesar de tudo, a esposa deveria sempre esperá-lo, mesmo que ele a abandonasse.

É verdade que se de um lado as feministas liberais propunham que a mulher no lar se anulasse pelo marido, de outro o modelo de feminilidade que construíam valorizava-a como centro e fundamento da família, incorporando a sacralização da esfera privada em curso na sociedade. Lembre-se que no mesmo período os positivistas afirmavam, repetindo Comte, que a mulher não deveria lidar com o dinheiro, objeto sujo e público, contrário à sua natureza delicada e pura. As feministas enunciavam um discurso valorizador da esfera privada e da função da mãe, de um lado, não abandonando de outro a firme idéia de que deveriam aceder ao mundo público em condições de igualdade com os homens.

Vale notar também que justamente este modelo da mulher-esposa dedicada-mãe higiênica, promovido pelas feministas liberais ao lado dos médicos será questionado radicalmente nos anos sessenta, especialmente pelas novas feministas das camadas médias urbanas intelectualizadas, leitoras da conhecida psicóloga Carmen da Silva e que defenderão as bandeiras libertárias do "amor livre", do "direito à maternidade voluntária", do divórcio e do aborto. Em outros termos, quarenta anos depois, as feministas rejeitarão o modelo de feminilidade promovido por suas antecessoras liberais, assumindo o discurso que as anarquistas enunciavam então e que, aliás, foi reabilitado nos anos 70 e 80.

Nas décadas iniciais do século, as/os anarquistas formulavam uma proposta de moral sexual e de reorganização da sociedade, que se opunha ao modelo que então se construía. Tendo em mente a construção de um novo mundo fundado na abolição da propriedade privada e na justiça social, criticavam a moral burguesa como hipócrita e utilitária e apontavam para os rumos de sua superação. A seu modo, também as/os anarquistas criticavam as relações sociais e sexuais vigentes, apontando para as alternativas libertárias possíveis. Segundo a anarquista Tibi:

"O matrimônio apenas serve para abreviar a duração do amor, tornar odiosa a união. No lar, a mulher é a escrava, o homem é o senhor; este tem o direito de mandar, aquela o direito

FOTO

de... obedecer.(...) Como pode existir o amor entre uma escrava e um senhor?"¹⁶

Em outras palavras, a bandeira da união sexual fundada no amor livre, que será levantada na década de 1970, já aparecia na imprensa anarquista, no Brasil, desde os primeiros anos do século¹⁷. Em vários artigos destinados a explicar o "amor livre", os autores procuravam justificar por que eram contrários ao casamento indissolúvel e defendiam o direito ao divórcio. Enquanto isso, a Revista Feminina pregava a necessidade de reagir contra "certas teorias dissolventes e envenenadas como o amor livre", invocando as idéias do famoso jurista Viveiros de Castro, autor de *Atentados ao Pudor*, de 1894, e de *Os Delitos Contra a Honra da Mulher*, de 1897.

Enfim, ao mesmo tempo em que defendiam a entrada da mulher na esfera pública, as feministas liberais procuravam deixar claro que isso não significaria uma destruição da família, mas sim seu fortalecimento. E para completar a definição do papel da "mulher moderna" na sociedade, procuravam orientar seu comportamento em todos os espaços da vida social, inclusive organizando sua aparência física.

O CORPO NA ESFERA PÚBLICA

É de se considerar que o crescimento urbano-industrial, a modernização das cidades, assim como os ideais democráticos de constituição do indivíduo promoveram uma acentuada preocupação com o corpo. A aparência pessoal, a estética e a subjetividade passaram a ocupar o centro da cena, à medida mesmo em que emergiram novas formas de sociabilidade no mundo público. A preocupação com a desaglomeração dos corpos e com a identificação do indivíduo em meio

¹⁶ TIBI. *O Amigo do Povo*. 02.08.1902.

¹⁷ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar; A utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 104-105.

à multidão, seja em função do medo do desconhecido, seja enquanto busca de individualização num momento de constituição da sociedade de massas, da democratização das mercadorias e da homogeneização causada pela industrialização, como sugerem Michel Foucault e Richard Sennett, entre outros, levaram a que o corpo, a aparência, a linguagem corporal se tornassem alvos privilegiados de atenção¹⁸.

Neste movimento, as mulheres se viram especialmente visadas. Como nunca o comportamento das trabalhadoras nas fábricas, a aparência e os gestos das burguesas ou das vendedoras ambulantes nos restaurantes, teatros, cinemas, praças e lojas, ou mesmo o das donas-de-casa no lar foram codificados, perscrutados e analisados. Abundam na imprensa dos anos 10 e 20 os artigos que descrevem minuciosamente as roupas usadas pelas mulheres nos cinemas, nas ruas, nos concertos, elogiando, criticando, comparando ou selecionando. As revistas de grande circulação, como *A Cigarra*, promoviam concursos, perguntando-se "Qual a moça mais bela de São Paulo?", para o que listavam os nomes das inúmeras concorrentes, detalhando a descrição das roupas elegantes que vestiam nos eventos sociais, a exemplo das modernas "colunas sociais"¹⁹.

Além do mais, as próprias mulheres passaram a dar mais atenção ao corpo, preocupadas em adquirir as últimas modas francesas e se apurarem para os passeios e atividades de lazer que surgiam na cidade. O crescimento da indústria de beleza, dos cosméticos, cremes, loções, perfumes, roupas, lingerie, meias de *nylon* incitava a um maior cuidado com o corpo, cuidado este considerado tanto estético quanto higiênico. Cito o depoimento de "Miss Vaidade", personagem do conto homônimo de Lola de Oliveira:

"Levanto-me às 9 horas. Tomo o meu banho morno, perfumado com os saes da Coty. Em seguida, fricciono-me com água de Colônia. Consagro uns dez minutos à ginástica sueca,

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro, Vozes, 1977; SENNETT, R. *El declive del hombre publico*. Barcelona, Ediciones Peninsula, 1978..

¹⁹ A coleção desta revista publicada em São Paulo encontra-se no Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP.

*para ficar flexível e elegante.(...) Da cabeça passo aos olhos. Amacio as sobrancelhas, penteio, arranco com a pinça alguns fios supérfluos. Pinto levemente de rouge as pálpebras; reviro as pestanas com o Rimmel e sombreio com um pouco de lápis. Estão prontos os olhos."*²⁰

Assim, as próprias mulheres descobrirão o corpo como arma de sedução e de criação estética, valorizando a beleza como atributo especificamente feminino e fazendo da moda e do visual seu terreno privilegiado.

De um lado, a fascinação com as mercadorias e a valorização do corpo feminino. De outro, o medo da "anarquia sexual" com o crescimento da prostituição, do homossexualismo e do feminismo, como afirmavam os doutores. Para estes, a emancipação da mulher traria inevitavelmente sua masculinização e o abandono de suas funções naturais. Prostitutas de um lado, liberadas das funções maternas e domésticas, feministas de outro, propondo o direito de voto e a conquista do mundo público, como nunca a demarcação das fronteiras entre o mundo público e o privado, entre a figura da "mulher pública" e a da "mulher honesta" se tornou uma preocupação urgente para os setores sociais dominantes. As atividades femininas, os movimentos, as leituras, as conversas, as roupas, os gestos das mulheres passaram a ser analisados e adjetivados, ao mesmo tempo em que se sofisticavam as mercadorias disponíveis para seu consumo pessoal. Burgueses conservadores, positivistas ferrenhos, anti-feministas moralistas colocaram-se lado a lado na crítica à modernização dos costumes femininos. Em "Os Deveres de uma Senhora", a RF, de março de 1917, propunha:

"Uma senhora, quando tenha de ir a um jantar ou soirée decotada, não levará o decote ao exagero; apresentar-se-á dentro do limite do honesto, simples, ainda que elegante, sem uma profusão de jóias."

²⁰ OLIVEIRA, Lola de. *Na cidade das praias*. São Paulo, Estab. Graphyco Rossolilo, 2ª edição, 1932, p. 34. Arquivo particular de Eric Gemeinder.

A crítica ao consumismo e à preocupação extremada com o corpo caracterizou o discurso das feministas liberais ou anarquistas. Para umas e para outras, a preocupação das mulheres com a beleza e o corpo significava uma alienação do espírito e era inconcebível que pudesse ser conciliada com assuntos considerados mais sérios. Promover a "mulher moderna" traduzia-se, portanto, em dirigir uma crítica aos modelos tradicionais de feminilidade, ao papel passivo da mulher, que esquecia do corpo e de si mesma, que negava suas potencialidades intelectuais e políticas, ao mesmo tempo em que se procurava protegê-la do consumismo e da alienação que pareciam devorá-la na nova ordem econômica que se implantava.

Como reagiram as mulheres a todas estas questões 40 anos depois?

3. O FEMINISMO CONTEMPORÂNEO E A CRÍTICA DA MODERNIDADE

Quarenta anos depois do arrefecimento das idéias feministas, após a conquista do direito de voto, da vitória dos padrões normativos de sexualidade e da cristalização da ideologia da domesticidade, assistimos, desde o final dos anos sessenta, à emergência de uma crítica radical, teórica e prática, ao modelo de feminilidade e de família vigentes.

A industrialização e modernização aceleradas promovidas pela ditadura militar, nos anos setenta, desestabilizou os vínculos tradicionais estabelecidos entre indivíduos e grupos, abalando crenças e comportamentos estruturados havia muitas décadas. A família nuclear sofreu uma profunda transformação, à medida em que as mulheres entraram massivamente no mercado de trabalho e voltaram a proclamar o direito à cidadania, denunciando as múltiplas formas da dominação patriarcal²¹. Os homossexuais masculinos e femininos organizaram-se, ao lado de outras "minorias" sociais, e se manifestaram em movimentos políticos que reivindicavam o direito à diferença e questionavam radicalmente os padrões dominantes da masculinidade e da feminilidade.

²¹ VAITSMAN, Jane. *Flexíveis e plurais*; Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

A contrapartida à violenta ditadura militar foi a explosão de uma vigorosa *cultura de resistência*, que se expressou na crítica política ao regime, a exemplo das composições musicais de Chico Buarque, Milton Nascimento, Caetano Veloso e Gilberto Gil, assim como na proposta de modos alternativos de vida em sociedade, a exemplo do movimento hippie. Inicialmente dirigida ao regime militar, a "revolução cultural" em curso nas décadas de 1960/70, no Brasil, estendeu sua crítica à sociedade burguesa, vista como consumista, autoritária, coercitiva, de maneira muito mais ampla, encontrando várias correntes do pensamento internacional envolvidas com a crítica à modernidade.

Portanto, no mesmo momento em que se vivia no país uma violenta repressão política e cultural que afetava radicalmente a vida pública, desfazendo os antigos espaços de sociabilidade, assistia-se à emergência de novas formas de produção cultural, tanto nos setores ligados às lutas de resistência, quanto entre os mais indiferentes, ou mesmo comprometidos com a ditadura militar. Ou seja, multiplicavam-se os espaços culturais e desportivos, tanto dos que pregavam o "culto californiano ao corpo", quanto dos que criticavam as formas sociais burguesas e que, inspirados pelos orientalistas, recorriam à *yoga*, aos relaxamentos terapêuticos, aos tratamentos "psi", à alimentação macrobiótica e naturalista. A classe média urbana, em especial, passou a solicitar e desfrutar das inúmeras formas de tratamento psicológico, ao viver de maneira brutal a ruptura de antigos padrões de relações familiares, a quebra dos antigos modos de sociabilidade e a destruição da esfera pública e das formas de convívio e solidariedade²².

Nesse contexto de crise e de construção de novos modelos e padrões de subjetividade e sexualidade nos anos 70, emergiu o "feminismo organizado", como movimento das mulheres de classes médias, na maioria intelectualizadas, que buscavam novas formas de expressão de sua individualidade²³. Em luta contra a ditadura militar, defrontavam-se

²² Veja-se a respeito FIGUEIREDO, Luiz Cláudio. *A invenção do psicológico; Quatro séculos de subjetivação, 1500-1900*. São Paulo, EDUC, 2ª ed., 1994.

²³ GOLDBERG, Anette. *Op. cit.*

também com o poder masculino dentro das organizações de esquerda, que obstaculizavam sua participação em condições de igualdade com os homens. Assim, as primeiras organizadoras dos grupos feministas e dos jornais feministas, em meados daquela década, iniciavam um movimento de recusa radical dos padrões sexuais e do modelo da feminilidade que suas antecessoras haviam ajudado a fundar, nos inícios do século. Mais do que nunca, as feministas colocaram em questão um conceito de mulher que a afirmava enquanto sombra do homem e que lhe dava o direito à existência apenas na condição de auxiliar do crescimento masculino, no público e no privado.

Fora do feminismo, mas também influenciadas por ele, surgiam outras revistas destinadas a um público feminino mais amplo, como as revistas *Nova* e *Mais*, inspiradas nos padrões jornalísticos norte-americanos, que propunham novas linguagens em relação ao corpo e à sexualidade da mulher e uma reflexão que, embora construída nos marcos de um pensamento pouco contestador, avançaram a discussão de assuntos considerados tabus, como o sexo e orgasmo feminino²⁴.

3.1. O FEMINISMO REBELDE

Paralelamente aos movimentos sociais que se levantavam contra a ditadura militar, como o movimento das mulheres, que se organizava na periferia de algumas cidades, as feministas propuseram-se, desde meados dos anos 70, a denunciarem a dominação sexista, existente inclusive no interior dos grupos políticos, sindicatos e partidos de esquerda²⁵.

²⁴ MORAES, Maria Lygia Quartim de e SARTI, Cíntia. "Aí a porca torce o rabo", in BRUSCHINI, Christina e ROSEMBERG, Fúlvia (org.). *Vivência*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Brasiliense, 1980.

²⁵ Veja-se ALVAREZ, Sônia. "Politizando as relações de gênero, engendrando a democracia", in STEPAN, Alfred (org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, e *Engendering democracy in Brazil; Women's movements in transition politics*. Princeton, Princeton University Press, 1990.

Marcadas por uma experiência política na esquerda brasileira, já que muitas eram ex-militantes políticas e vinham do exílio forçado no exterior, ou das prisões, entenderam que o movimento pelos direitos das mulheres, no Brasil, deveria ser diferenciado e não subordinado às lutas que despontavam em múltiplos espaços sociais e políticos pela redemocratização do país.

Acima de tudo, as primeiras feministas questionavam radicalmente as relações de poder que se estabeleciam inclusive dentro das entidades de esquerda e lutavam para impedir que, através do discurso da Revolução, a questão da dominação machista fosse preterida. Não obstante, muitas traziam uma referência ideológica marxista, a partir da qual pensavam as relações entre os sexos.

Assim, logo que estabeleceram as estratégias e táticas de seu movimento, definiram que o alvo maior de sua preocupação deveria ser as mulheres trabalhadoras, principais portadoras da Revolução Social. Os dois principais jornais feministas fundados no período, o *Brasil Mulher*, que circulou entre 1975 e 1980 e o *Nós, Mulheres*, publicado entre 1976-78, visavam a conscientizar as trabalhadoras pobres, respaldando-se numa linguagem marxista inicialmente destinada a pensar a luta entre as classes sociais, e não precisamente a guerra entre os sexos.

É claro que essa postura obedecia a algumas estratégias políticas: de um lado, obter o reconhecimento social de um movimento que colocava a mulher como alvo principal; de outro, conseguir a aliança dos demais setores da esquerda envolvidos na luta pela redemocratização, onde os homens davam as cartas e enunciavam um discurso político bastante característico. Além do mais, nesse momento, o marxismo ainda era considerado o principal instrumento teórico de análise no campo da política revolucionária.

Nesse contexto, o feminismo procurou pautar-se pela linguagem prevalecte nas esquerdas no país, dominando não apenas os conceitos marxistas, mas procurando provar como em cada uma das questões levantadas pelos líderes e partidos políticos de esquerda, era possível perceber também a questão feminina.

Em suma, falando a linguagem marxista-masculina, as feministas esforçavam-se para dar legitimidade às suas reivindicações, para valorizar suas lutas e para se apresentarem como um grupo político importante, necessário e confiável. Por isso, *Nós Mulheres* propunha:

"Que as coisas fiquem claras: mantemos a firme convicção de que existe um espaço para a imprensa feminista, que denuncia a opressão da mulher brasileira e luta por uma sociedade livre e democrática. Acreditamos que a liderança da luta feminista cabe às mulheres das classes trabalhadoras que não só são oprimidas enquanto sexo, mas também exploradas enquanto classe."

A idéia de que o conceito de classe deveria ser priorizado em relação ao de sexo revelava, portanto, que a apropriação da linguagem masculina, marxista ou liberal, era fundamental para se conseguir a aceitação na esfera pública masculina, que progressivamente se reconstituía. Era, portanto, uma estratégia de reconhecimento político e social fundamental num momento em que as barreiras para a entrada das mulheres no mundo da política eram extremamente pesadas, seja as impostas pela ditadura militar, seja as criadas pela própria dominação masculina, de esquerda ou de direita.

As feministas colocavam-se, assim, segundo a perspectiva marxista-leninista, como vanguarda revolucionária do movimento das mulheres, necessária para orientar as trabalhadoras em sua missão histórica, parafraseando o que a esquerda repetia em relação às suas tarefas para com o proletariado. Assim, articulavam-se para fora com os outros movimentos de luta pela redemocratização do país e eram legitimadas.

Na segunda metade da década de 70 e inícios dos anos 80 nasceram, portanto, inúmeros grupos feministas, mais ou menos próximos do campo marxista e dos grupos políticos de esquerda, ao mesmo tempo que abertos para os novos horizontes teóricos e políticos que se abriam no país, sobretudo com os "novos movimentos sociais". Assim como outros grupos denominados "minorias", as feministas buscavam uma linguagem própria, capaz de orientar seus rumos na construção da

identidade da mulher como novo ator político²⁶. Desta experiência surgiram inúmeras associações feministas no país, como o Centro Brasileiro da Mulher, no Rio de Janeiro; a Associação de Mulheres, de São Paulo, futuramente denominada "Sexualidade e Política"; o Coletivo Feminista do Rio de Janeiro; o Coletivo Feminista de Campinas; o SOS Violência, de São Paulo; o SOS Campinas; o SOS Corpo, no Recife; o Maria Mulher, em João Pessoa; o Brasília Mulher; o Brasil Mulher; o Grupo "Sexo Finalmente Explícito"; o Centro de Informação da Mulher, ou CIM, de São Paulo, entre outros. Todos eles mesclavam ex-militantes partidárias, marxistas e ex-marxistas, assim como feministas das novas gerações que defendiam prioritariamente as "políticas do corpo" e as questões da sexualidade. A despeito das tendências políticas diferenciadas, estes grupos buscavam total autonomia em relação aos partidos políticos de esquerda, como o PT, que acabava de ser fundado, muito embora muitas das ativistas fossem também militantes partidárias.

3.2. A "EXPLOSÃO DESCONSTRUTIVISTA" NOS ANOS 80

Somente depois desse primeiro momento de afirmação do feminismo enquanto um movimento social e político confiável, que lutava pelos direitos da mulher, mas que também se colocava na luta pela redemocratização do país, é que as feministas passaram a propor uma nova concepção da política, ampliando os próprios temas que constituíam o campo das enunciações feministas na esfera pública.

Assim, questões antes secundarizadas como essencialmente femininas e relativas à esfera privada, isto é, não pertencentes ao campo (masculino) da política - a exemplo das relativas ao corpo, ao desejo, à saúde, à sexualidade - foram politizadas e levadas à esfera pública, a partir de utilização de uma linguagem diferenciada. Nesse momento de

²⁶ Veja-se OLIVEIRA, Eleonora Menecucci. "Reflexiones a partir de IX Encuentro Nacional Feminista", in *Mujeres, crisis y movimiento*; America Latina y El Caribe. Isis International Ediciones de las Mujeres, vol. IX, n. 9, junho 1987.

crítica acentuada à racionalidade ocidental masculina, já não mais definida apenas como burguesa, partiu-se para a afirmação do universo cultural feminino, em todos as dimensões possíveis. Isto implicava, no campo conceitual e teórico, a emergência de uma ligação especificamente feminina e daquilo que se considerou como uma "epistemologia feminista", suficientemente inovadora em suas conceitualizações e problematizações para apreender as diferenças²⁷. Fundamentalmente, o feminismo aproximava-se das correntes do pós-modernismo, voltadas para a crítica da racionalidade burguesa ocidental.

Em suma, por vários lados, as feministas passavam a femininizar-se, valorizando a linguagem, os atributos, os assuntos e temas ditos femininos, o que significava mais do que um simples retorno aos seus valores próprios. Implicava sobretudo num alargamento do campo conceitual através do qual teciam suas críticas à sociedade burguesa, revelando suas limitações e armadilhas.

Mais do que nunca, as feministas passaram pensar em si mesmas sob uma ótica própria, dando visibilidade ao que antes fora escondido e recusado, o que inevitavelmente levou a uma radicalização da potencialidade transformadora da cultura feminina/ista em contato com o mundo masculino. Tratava-se, então, não mais de recusar o universo feminino, mas de incorporá-lo renovadamente na esfera pública, o que se traduziu também por forçar um alargamento e uma democratização da esfera pública masculina.

As questões do mundo privado, da subjetividade, da família, da sexualidade, das linguagens corporais ganharam visibilidade tanto na prática cotidiana dos grupos feministas, quanto nos debates acadêmicos e nas reuniões das militantes. O distanciamento do discurso marxista-masculino, por sua vez, facilitou a incorporação de temas-tabus como os

²⁷ Veja-se a respeito LIMA, Cláudia Costa. "O leito de Procusto: gênero, linguagem, e as teorias feministas", in *Cadernos PAGU*, n. 2, UNICAMP, 1994; DIAS, Maria Odila Leite da Silva. "Nova subjetividade na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças", in *Revista de Estudos Feministas*, vol. 2, n. 2, 1994.

referentes aos sentimentos, às emoções, à sexualidade ou à moda e, por conseguinte, a procura de novos conceitos capazes de enunciá-los e interpretá-los. Estes foram buscados principalmente no novo campo conceitual que vinha sendo proposto pelas correntes do pensamento pós-moderno para se pensar a contemporaneidade, a exemplo do conceito da "desconstrução" de J. Derrida, ou da noção de "poder disciplinar" e da "subjetivação", de Michel Foucault.

A ampla crítica cultural feminista não deixou de lado as próprias representações do feminismo veiculadas na imprensa alternativa de esquerda, especialmente a partir da publicação do jornal *Mulherio*, entre 1981 e 1988. A antropóloga Eliane Robert Moraes, por exemplo, num sugestivo e inteligente artigo publicado neste jornal, perguntava-se "Feminista é Mulher?", endereçando suas críticas tanto aos "rapazes" do Pasquim, para os quais as feministas só poderiam ser mulheres feias e mal-amadas, quanto às próprias feministas que reforçavam uma imagem negativa de si mesmas. Enfim, perguntava-se por que lutar pela autonomia feminina implicava numa dessexualização e num certo embrutecimento da própria mulher. O próprio jornal, em edição de março-abril de 1981, explicava seu título, afirmando:

"Sim, nós vamos nos assumir como Mulherio e, em conjunto, pretendemos recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas para expor e debater seus problemas. De uma maneira séria e consequente, mas não mal-humorada, sisuda ou dogmática."

Enfim, nesse novo feminismo, a estética, os cuidados de si, a beleza do corpo passavam a fazer parte dos temas importantes, sem contudo significar uma adesão acrítica aos ideais de beleza veiculados pela mídia. Muito ao contrário, passavam neste caso específico a compor as discussões relativas à saúde, vista agora numa perspectiva muito mais abrangente. Assim, vários artigos discutiam que tipo de beleza as feministas desejavam ("A beleza produzida", "Espelho, Espelho Meu", de Silvia Beck), enquanto a psicanalista Maria Rita Kehl questionava a aceitação/negação machista do corpo feminino, aceito apenas enquanto

expressão de um determinado padrão estético:

*"Se os homens afirmam que vêem na mulher antes de mais nada belos contornos, considero isso como um empobrecimento de sua capacidade de olhar e ver. Estou convencida de que nosso olhar sabe encontrar no homem sinais do que ele é, além dos contornos de sua musculatura."*²⁸

A psicanalista feminista reforçava sua crítica observando como para ser ao mesmo tempo "moderna e atraente dentro dos padrões da boneca de luxo de antigamente", a mulher precisava consumir muito mais, no interior de um sistema de referências ditadas pelo mundo masculino, em que o corpo feminino deveria ser jovem, limpo, ágil, magro, cheiroso e rígido para ser aceito. Propunha radicalmente "a subversão de nossos conceitos estéticos":

*"A maior beleza é a do corpo livre, desinibido em seu jeito próprio de ser, gracioso porque todo ser vivo é gracioso quando não vive oprimido e com medo. É a livre expressão de nossos humores, desejos e odores; é o fim da culpa e do medo que sentimos pela nossa sensualidade natural; e a conquista do direito e da coragem a uma vida afetiva mais satisfatória; é a liberdade, a ternura e a autoconfiança que nos tornarão belas. É essa a beleza fundamental."*²⁹

O repensar das práticas feministas implicou, ainda, em uma opção por sair dos guetos feministas e encontrar os inúmeros canais e movimentos que ocorriam na sociedade. As feministas passaram a participar dos sindicatos, partidos, diferentes entidades da sociedade

²⁸ KEHL, Maria Rita. *Mulherio*, ano 2, n. 5, jan-fev. 1982, p. 14-15.

²⁹ Idem, p. 14-15.

civil e especialmente do "movimento de mulheres", que se articulava, desde os anos setenta, na periferia da cidade de São Paulo, apoiado pela Igreja de esquerda e por partidos políticos envolvidos na luta pela redemocratização³⁰.

Este movimento, embora mobilizasse um número excepcionalmente grande de mulheres, não levantava questões especificamente feministas como bandeiras de luta. Lutava-se por creches, transportes urbanos, melhores condições de vida, sem contudo se incluírem questões como o direito à maternidade, o divórcio, o aborto e a violência sexual e física contra as mulheres, temas bastante prementes nos meios mais pobres.

Assim, o contato que se estabeleceu entre os dois movimentos liderados por mulheres - o movimento feminista e o movimento de mulheres - foi certamente muito lucrativo para ambos os lados. Para as feministas, por que passavam a atingir uma rede muito mais ampla de mulheres; para as mulheres pobres da periferia, na medida em que as feministas intelectualizadas traziam questões que dificilmente seriam enunciadas espontaneamente, como as referentes à moral sexual, ao corpo e à saúde. Fundamental nesta transformação foi a maneira pela qual o feminismo desenvolveu e ampliou suas bandeiras de luta, dando destaque às questões da violência contra as mulheres e dos direitos reprodutivos.

Vale lembrar ainda que, nesse período e como parte de seu próprio processo de abertura aos diferentes canais de participação social e política, o feminismo também se caracterizou por iniciar um diálogo com o Estado, sobretudo a partir de 1983, com a criação dos Conselhos Estaduais da Condição Feminina. Para muitas, isto significou um enorme perigo de cooptação e institucionalização do movimento feminista, ameaçado de ser absorvido pelo Estado "pós-autoritário", mas ainda machista, enquanto outras julgaram os benefícios que daí poderiam resultar. Assim, se de um lado foram implementados determinados programas de ação como o PAISM - Plano de Assistência Integral à

³⁰ Veja-se CRUZ, Tânia Mara. *O olhar do espelho. Práticas feministas em São Bernardo do Campo*. Dissertação de Mestrado em História, UNICAMP, 1996,

Mulher, em 1984, a partir das propostas feministas de cuidados como o corpo e com a saúde, de outro, várias feministas apontaram para as dificuldades de implementação efetiva do programa, que não conta com pessoal especializado e com o apoio necessário do próprio Estado para sua aplicação conseqüente.

CONCLUSÃO: PARA ONDE VAI O FEMINISMO?

Certamente, não há um consenso no interior do feminismo quando se pensa na avaliação das perdas e ganhos ao longo destas décadas. Para muitas, houve conquistas enormes em todos os campos da vida social, especialmente no que se refere à aceitação da mulher no mercado de trabalho e ao seu reconhecimento como profissional capaz dos mesmos trabalhos que os homens. Muitas consideram ainda que, fundamentalmente, as mulheres estão se conscientizando cada vez mais em relação aos seus direitos de cidadania e abrindo novas formas e novos espaços de luta. Crescem os grupos de mulheres militantes, a exemplo do Coletivo das Mulheres Negras da Baixada Santista, criado em 1986 e do Geledés - Instituto da Mulher Negra, de 1988, que defendem a causa das mulheres negras; surgem por todo o país inúmeras ONGs feministas, núcleos de pesquisas sobre as mulheres e as relações do gênero nas universidades e fora delas, videotecas e revistas feministas; aumenta o número de parlamentares comprometidas/os com as causas feministas³¹. Enfim, as mulheres se afirmam no mundo público, revelando uma criatividade e uma potencialidade indiscutíveis.

Por outro lado, não há como negar o fato de que todas as conquistas arduamente ganhas ao longo destas últimas décadas pelo feminismo não estão definitivamente garantidas. Ao contrário, são continuamente

³¹ Veja-se ALVAREZ, Sônia. "The (trans) formation of feminism(s) and gender politics in democratizing Brasil", in JAQUETTE, JANE S. *The women's movement in Latin America; Participation and democracy*. Boulder, Westview Press, 2ª edição, 1994.

ameaçadas por pressões machistas as mais conservadoras. Veja-se, por exemplo, as recentes discussões trazidas por certos parlamentares, que defendem a incorporação do "direito à vida desde a concepção" na Constituição, o que significaria um enorme retrocesso na história das conquistas feministas, pois implicaria em tornar ilegais até mesmo os casos de aborto previstos pela lei.

Além do mais, uma das principais queixas das "novas mulheres", em geral, é a dupla jornada do trabalho e o acirramento da competição no mundo masculino. As duas questões não podem ser dissociadas, se se considera que a exigência da qualidade do trabalho feminino no mundo público é muito maior do que a que se dá em relação aos homens. As feministas têm denunciando o alto custo que as mulheres pagam por competir no espaço dos homens: enquanto estes contam, de certo modo, com uma infra-estrutura de apoio, seja financeira, seja apenas psicológica, para competir no mercado de trabalho, as mulheres devem provar duas vezes mais do que são capazes, além de continuar a desempenhar as funções de mãe e de rainha do lar, exigidas tanto pelos maridos, quanto pelos filhos e familiares. Na verdade, a liberação feminina acarretou, sem dúvida alguma, um aumento muito grande do trabalho feminino, especialmente para as casadas ou com filhos, aliado a uma pressão muito maior pela prova de sua qualidade em comparação com o trabalho masculino. A guerra entre os sexos, portanto, não terminou e, aliás, se acentua em dois fronts fundamentais: o profissional e o afetivo.

Na perspectiva de Eleonora Menecucci de Oliveira, ativa militante do movimento feminista brasileiro desde seus inícios, não há como negar, na passagem para o terceiro milênio, a enorme expansão das idéias feministas no mundo contemporâneo, sobretudo das que se referem à liberdade individual, à cidadania sexualizada, à aceitação da decisão pela maternidade, à expansão das práticas sexuais e aos cuidados com o corpo e a saúde³².

Considerando sua avaliação, são muitos os ganhos recentes: a epistemologia feminista e os estudos do gênero foram incorporados

³² Entrevista realizada em 25 de março de 1996.

enquanto um campo de conhecimento pela Academia; no mundo do trabalho as especificidades das questões femininas deixam de dizer respeito apenas às mulheres; o Estado passa a incorporar na formulação das políticas públicas a questão da mulher, apesar das enormes dificuldades de implementação dos programas, mesmo os criados com a participação das feministas. A ONU se abre para as questões do gênero através das Conferências Internacionais, no que diz respeito à questão dos direitos reprodutivos, como se observa na Eco-92, realizada no Rio de Janeiro; na questão da violência, como se vê na Conferência de Copenhague, realizada em 1994; na Conferência do Cairo, em 1994, que coloca pela primeira vez a questão do direito da mulher na escolha da maternidade e do número de filhos; e na de Beijing, em 1996, que incorpora a formulação de políticas que eliminem a penalização das mulheres que recorrem ao aborto. Evidentemente, estas conquistas não garantem sua implementação adequada, exigindo, portanto, um trabalho constante e eficaz de monitoração e fiscalização, evitando-se ao mesmo tempo a ameaça de cooptação e institucionalização que paira sobre o movimento e as redes feministas em seu diálogo e negociação com o Estado.

Enfim e a despeito do pessimismo suscitado pelo conservadorismo de nossos tempos, é inegável o quanto o feminismo, seja enquanto modo de pensamento, seja enquanto conjunto de práticas políticas e sociais, contribuiu e tem contribuído vigorosamente para a crítica cultural contemporânea. Para além da desconstrução das configurações ideológicas, conceituais, políticas, sociais e sexuais que norteiam e organizam nosso mundo, o feminismo deu visibilidade não apenas às mulheres e às questões femininas, mas às formas insidiosas e perversas da exclusão que operam sobretudo na esfera pública. Ao mesmo tempo, propôs formas alternativas de organização social e sexual fundamentais para a construção de relações mais igualitárias não apenas entre os sexos, já que se trata fundamentalmente da construção de um novo conceito de cidadania, num campo em constante mutação.

(Esta pesquisa vem sendo realizada com o apoio do CNPQ)